

1º Seminário de
Mediação Cênica
e Escrita Crítica

SEMINÁRIO

Lamira

artes cênicas



Lamira

artes cênicas

Criada em 2010, a **LAMIRA Artes Cênicas** é uma companhia de Palmas, no Tocantins, que se aproxima dos 15 anos de atividades. Com importantes carreiras como bailarinos, **João Vicente** e **Carolina Galgane** se mudaram para Palmas para trabalhar na formação em dança. Rapidamente, voltaram às atividades artísticas, com um primeiro projeto contemplado pelo Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna 2009, cujo sucesso no ano seguinte levaria à criação da LAMIRA. A partir daí, foram criados diversos espetáculos, que projetaram a LAMIRA no cenário nacional, já tendo passado por 123 cidades, de todos os estados do Brasil, com um público de mais de 70 mil pessoas.

A LAMIRA circulou por importantes eventos, como o Festival Amazônia Em Cena; o Circuito SESC Amazônia das Artes; o Programa Palco Giratório do SESC Nacional; o Circuito Sesc das Artes do Sesc SP; Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia; o Encontro Nacional de Dança em Natal; a Mostra de Dança de Goiânia; o Modos de Existir do Sesc SP; o Vivadança; o Cena Contemporânea; o Cena Cumplicidades; o Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua; o FID - Festival Internacional de Dança; o Festival de Teatro da Amazônia; o Festival Palhaçaí; e o Festival Funarte Acessibilidança.

Diversas vezes, a LAMIRA foi o primeiro grupo artístico do Tocantins a aparecer em eventos e integrar importantes programas, como foi o caso com o Programa Rumos do Itaú Cultural, já em 2012. Outras importantes formas de apoio foram alcançadas ao longo da história da LAMIRA, como o Prêmio Funarte RespirArte; o Prêmio Funarte Teatro Virtual; o Prêmio Funarte Acessibilidança Virtual; o Prêmio Funarte de Circulação de Artes; o Edital Sesc Cultura On; o Edital do Banco da Amazônia; o Edital do Sesc Pulsar; e os Editais da Caixa Cultural em Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Curitiba.

Além da intensa circulação e criação de espetáculos, a LAMIRA também produziu o foto-livro "MATURANDO" (2016), o documentário "Mulheres da Cena" (2021), o Festival MultiVerso - Edição Circo (2021), a Plataforma "A Doce Matéria Mater" (2022), e o Seminário de Mediação e Escrita Crítica (2024).

REPERTÓRIO

- ★ DO REPENTE (2012)
- ★ FELA DA GAITA (2012)
- ★ ADORNO DA REALIDADE (2012)
- ★ GIBI (2013)
- ★ OLHAI POR NÓS (2015)
- ★ QUANDO DORMES (2020)
- ★ LUNA DE MIEL (2021)
- ★ SOBRE SI (2022)
- ★ A JORNADA DE KOKORO (2024)

Atravessando uma floresta de dança, e contando a história dessa jornada

Henrique Rochelle

Entre setembro e outubro de 2024, foi realizado o Seminário de Mediação e Escrita Cênica da LAMIRA Artes Cênicas, que reuniu presencialmente em Palmas diversos participantes para uma série de atividades focadas na apreciação e nas formas de discussão da dança.

Os participantes foram convidados a compartilhar sua produção, tanto cênica como escrita, pra servirem de objeto de discussão, e de disparadores na reflexão das atividades, que olharam para a cena, para o corpo, e para a coreografia para produzir textos de diversas naturezas — técnicos, descritivos, analíticos, poéticos...

Em comum, encontramos diversas formas de falar e escrever sobre a dança. Para isso tivemos encontros em variados formatos, misturando aula, palestra, laboratório, experimentação e assistência de apresentações, e trabalhando com os fundamentos da análise de espetáculos, e as operações da crítica de dança.

Foram semanas intensas, em que os participantes puderam cruzar seus interesses e familiaridades distintas com esses dois campos: a dança e a escrita. Juntos, observamos a dificuldade e a delicadeza do uso das palavras para retratar os fenômenos visuais, e, sobretudo, os processos passageiros e fugazes como a coreografia, vista numa apresentação de dança.

Nos aventuramos pela floresta de signos da percepção da arte, e chegamos ao outro lado dela abastecidos de possibilidades e propostas. Algumas delas novas, outras aproveitadas de nossos acervos. Algumas encontradas alegremente pelo caminho, outras arrancadas do solo fértil desse terreno, com a ajuda dos colegas de percurso. O desvendamento da arte não é uma forma de quebrar seu encanto, mas um processo de dar nomes e qualidades a ele, para que possa ser compartilhado com outras pessoas, através das palavras e da escrita.

Da mesma forma que os artistas trabalham conteúdos para tecer a trama que realiza os espetáculos, quem os assiste constrói mentalmente uma outra trama — derivada daquela, mas diferente dela — a partir de suas percepções e entendimentos. Ao escrever sobre uma obra, somos convocados a confrontar essas duas tramas, achar seus pontos em comum, e criar pistas e percursos, a partir de nossos caminhos pessoais, para que outras pessoas construam outras relações com as obras a partir de nossos textos.

Atravessando uma floresta de dança,
e contando a história dessa jornada

Henrique Rochelle

Foram essas as competências e os desafios que trabalhamos nas atividades intensamente práticas desse Seminário, buscando evidenciar as dificuldades que ocorrem na transposição da percepção sensorial e intelectual que temos da dança para palavras que façam sentido e comuniquem a outras pessoas essa percepção tão particular.

Com uma série de exercícios e práticas, fomos nos colocando frente a essa dificuldade, para, no contato com obras, tanto gravadas como assistidas presencialmente, explorarmos as capacidades de nossas elaborações e construções.

O que agora encontramos nesse catálogo é um tanto dessas construções, generosamente compartilhadas por alguns dos participantes do Seminário. Esperamos que, no contato com elas, os leitores percebam camadas de entendimento, tramas de conteúdos, e percursos individuais e coletivos, elaborados no atravessamento das obras da LAMIRA por esses sujeitos / autores / espectadores.

Eles se colocam em relação às obras, e, agora, em texto, também nos colocam — nós leitores — dentro dessa relação. Surgem palavras, imagens, listas, referências, metáforas, indicações, sugestões, sentidos e percepções, que aqui são compartilhados.

Se você também já acompanhou obras da LAMIRA, esse catálogo é um convite pra esse exercício de colocar em palavras as suas percepções sobre a dança. Se você ainda não acompanhou as obras da LAMIRA, esse catálogo é um convite para que você também construa esse tipo de relação com a dança. A dança está aí, e, no caso da LAMIRA, está espalhada por toda parte. Atravesse essa floresta, e conte pra alguém da jornada dessa sua travessia. E, até lá, veja aqui os registros das jornadas de outras pessoas. Boa leitura!

* **Henrique Rochelle** é crítico e pesquisador de dança, Mestre em Economia (UFRGS), Mestre e Doutor em Artes da Cena (Unicamp/Paris 8), com estágios de Pós-Doutoramento pela USP, onde atuou como Professor Colaborador. É editor do site *Outra Dança*, Redator da *Enciclopédia Itaú Cultural de Artes e Cultura Brasileira*, Editor da *Revista Sala Preta (PPGAC-USP)*, membro do Editorial Board da *Conversations Across the Field of Dance Studies (DSA -Michigan University Press)*, e parte da *APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes*.

A floresta e suas muitas bifurcações

Roseli Bodnar

Recentemente, Palmas, capital do Tocantins, foi palco de um evento de Mediação teatral e Crítica, que ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2024. Organizado e ofertado pela LAMIRA Artes Cênicas, contou com a presença do estimado crítico e pesquisador de dança Henrique Rochelle.

Rochelle (2024), ao refletir sobre o evento em Palmas – TO, com suas oficinas abertas ao público e aulas ofertadas ao Curso de Teatro, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, utiliza a floresta como metáfora desse percurso.

“Nos aventuramos pela floresta de signos da percepção da arte e chegamos ao outro lado dela abastecidos de possibilidades e propostas. Algumas delas novas, outras aproveitadas de nossos acervos. Algumas encontradas alegremente pelo caminho, outras arrancada do solo fértil desse terreno, com a ajuda dos colegas de percurso. O desvendamento da arte não é uma forma de quebrar seu encanto, mas um processo de dar nomes e qualidades a ele, para que possa ser compartilhado com outras pessoas, através das palavras e da escrita” (Rochelle, 2024).

Ao escrever sobre o processo vivenciado e experienciado por nós (estudantes, professores e comunidade externa), sigo utilizando a mesma metáfora da floresta e acrescento as suas muitas bifurcações. A floresta metaforizada, aqui, lida como cena teatral e como dança tocantinense, torna-se rica e potente para mensurar a importância e a oportunidade de diálogo com um crítico aclamado no eixo Rio-São Paulo.

Para os participantes das oficinas, a floresta significou diferentes caminhos a percorrer, verdadeiras bifurcações, em que cada um escolhia o seu rumo na vastidão das possibilidades da mediação teatral e da recepção crítica. A cada exercício, Rochelle apontava diferentes trilhas e direções de recepção de espetáculos, cada qual com seus muitos desafios e, conforme a decisão da jornada de cada um, com diferentes “pontos de chegada”.



A floresta e suas muitas bifurcações

Roseli Bodnar

Contudo, a floresta pode também simbolizar os desafios que ainda precisam ser conhecidos e superados. Para os estudantes do Curso de Teatro – UFT, esse é um caminho importante a seguir, tendo em vista a valorização de sua formação com a criação de novos exercícios de recepção crítica de espetáculos, tanto locais como regionais. Como se sabe, no estado do Tocantins, há pouca produção e poucos espaços para divulgação de recepção crítica.

Para terminar, cumpre refletir que, nas perambulações por uma floresta, talvez, o que menos importe é o momento da chegada, pois o caminhante pode e deve se perder, tanto quanto queira, em tantas explorações e novas descobertas, em diferentes exercícios do olhar e do (re)olhar para uma paisagem já conhecida. No entanto, nesse percurso, os olhares serão mais inquiridores e argutos baseados em novas vivências. Cada exercício ou nova atividade proposta por Rochelle pode simbolizar esse (re)olhar aos participantes das oficinas e das aulas ofertadas ao Curso de Teatro - UFT, pois, em cada um dos encontros, ganha-se uma nova aprendizagem e uma experiência única.

Almejamos que o ciclo desse perambular e suas descobertas não se encerrem, que possamos juntos “construir cabanas, pontos de observação e muitas trilhas”, na intenção de seguir pela floresta. E, também, para que haja a possibilidade de convidar outros caminhantes ao exercício do (re)olhar e à reflexão sobre a vida e as experiências da Arte.

** **Roseli Bodnar** é Docente do curso de Pós-Graduação em Letras, Câmpus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins - UFT, e do Curso de Graduação em Licenciatura em Teatro, Câmpus de Palmas, Universidade Federal do Tocantins - UFT. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Observatório das Artes - UFT e do Grupo de pesquisa Literatura, Arte e Mídia, da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Tem experiência docente na área de Letras, com ênfase em Teoria e Críticas da Literatura. Tem experiência da área de Artes/Teatro, na área de História do teatro e Crítica teatral. Tem experiência na pesquisa e orientação de trabalhos na área de Escrita Criativa.*



GIBI

Lamira
artes cênicas



★ GIBI

Poema para o espetáculo GIBI

Leo Lamim

Abre-se o gibi
e a brincadeira começa

crianças enlouquecidas
pegam, e querem, e amassam

Abre-se o gibi
e a brincadeira continua

crianças lêem e riem
da história, das músicas, da luta

Abre-se o gibi
e a brincadeira resiste

palhaços rasgam janelas
chamando a atenção da criança adormecida

Lamira
artes cênicas





Gosto de Infância

Henrique Rochelle

Lamira
artes cênicas

Uma força estranha de dentro de um gibi desperta palhaços para um mundo de brincadeira, em um espetáculo infantil especialmente interessante também pra adultos, por valorizar o prazer e o gosto da infância.

Assim como a leitura, a dança trabalha com o espaço da criação de outros mundos. Esses mundos, povoados por ideias, por possibilidades, por alternativas ao dia-a-dia, tão comuns na infância e nas brincadeiras, na vida adulta parece que se restringem às artes: nos tornamos tão preocupados com as obrigações, que dependemos dessas ocasiões e desses materiais para acessar a amplitude dos universos possíveis à imaginação.

Na criança, a criação desses universos parece mais fácil. Basta um "era uma vez", basta iniciar uma música, basta virar a primeira página de um livro, ou de um gibi, e pronto! Todo um outro mundo se abre e se desdobra, como se despertássemos pra dentro dele. É esse processo que vivemos em "Gibi", espetáculo da Lamira Artes Cênicas, que se inicia com palhaços dormindo, e sendo acordados por uma força — ainda desconhecida — que surge rasgando os quadrinhos do grande gibi que faz seu cenário.

Essa sensação de dormir e despertar para a brincadeira, para a diversão, tem o próprio gosto da infância. O sábado adulto tem aquela cara de dormir até mais tarde pra recuperar as forças perdidas. O sábado da criança tem a cara de querer acordar cedo pra ter mais tempo pra aproveitar. "Gibi" faz isso. Te convida a despertar depressa, pra aproveitar um pouco mais a despreocupação da brincadeira.

Trabalhar essa proposta com palhaços é especialmente interessante. Escapa daquele lugar comum de espetáculos infantis que colocam os bailarinos fingindo ser criança, e que, mesmo quando funciona para o público mais novo, facilmente desconecta os mais velhos. O palhaço abre a possibilidade das várias idades, porque ele não tem de fato idade. Ele não tem de fato os limites constrangedores da vida adulta, e navega um tanto mais livre na inocência de poder aproveitar o momento sem as cobranças da lógica, da realidade, da burocracia (enfim, da vida adulta).



Gosto de infância **Henrique Rochelle**

Se esse é de fato um espetáculo infantil, de certo também é um adorável “infantil para adultos”, categoria que não existe, mas talvez tivesse um bom lugar no mundo: muito da infância é marcado pelo desejo de crescer, ao passo que muito da vida adulta é marcado pela nostalgia. Esse espetáculo, mas também a figura do palhaço, fazem um caminho para reencontrar esses extremos. Da mesma forma, operam os quadrinhos, que muitas vezes permanecem como uma marca de um gosto da infância continuado na vida adulta.

Os quadrinhos de “Gibi”, especificamente, são da Liga do Cerrado, criada por Geubar Oliveira e inspirada em tipos que reconhece na cultura do Tocantins, transformados em super-heróis. Na cena, vemos como um dos palhaços descobre e se encanta com os quadrinhos, e como a imaginação pode se desdobrar a partir desse encontro para outros tantos cantos, que surgem no palco em brincadeiras e cantigas, que agem como num resgate da infância.

Embalado por uma trilha sonora que valoriza a música clássica, o público mais velho também se remete a desenhos animados de outras épocas, criando ainda mais laços com a proposta de “Gibi”, adicionando camadas de memórias de outras infâncias. Para o público mais velho, também, ainda pode surgir uma importante reflexão sobre o inevitável existencialismo dos palhaços, e essa peculiar estrutura da cena, que nos coloca palhaços adormecidos, despertados por uma força que surge de dentro das páginas do gibi para trazer diversão e felicidade, e que, através dessa viagem, por dentro e por fora do gibi, traz para o mundo — deles e do público — uma verdadeira celebração.

Extremamente valorosa nessa espetáculo é a coreografia. Convivem em cena algumas brincadeiras tradicionais de palhaços, e sequências de exploração coreográfica que elevam a comédia física para uma forma de “dança dançada por palhaços”. Certamente não estamos limitados ao campo do circo, e a dança tem aqui um papel fundamental. A coreografia expande a representação tanto do sentimental quanto do mental — removendo sua restrição à pantomima, à mímica ou ao gestual, como normalmente ocorre em números de palhaçaria.

Aqui, essa exploração se amplia coreograficamente, em dança, para o corpo todo. E se é verdade que o gibi pode ser uma excelente abordagem inicial para a leitura, trabalhando no desenvolvimento pelo gosto e pela formação de leitores, também a dança da Lamira aqui colabora com uma importante abordagem da iniciação à representação através da coreografia, trabalhando o reconhecimento, e despertando o interesse de diversos públicos (infantis e adultos), para a dança.

O trunfo é que isso tudo é feito com esse tom de mágica, de acontecimento especial, de fantasia, que se agarra no que temos de melhor em memórias para estabelecer pontes calorosas. Para as crianças, tem a força e o gosto de um sábado de manhã, de um dia inteiro disponível para brincadeiras. Para os adultos, tem a força da memória dessa leveza, e o convite pra explorarmos, ainda, um tanto desse prazer de ser criança e se deixar aproveitar. O “Gibi” da Lamira tem um tanto disso: gosto de infância.



Lamira
artes cénicas

OLHAI POR NÓS





Olhai por nós

Mar de A. Campos

Oh Céus... dá-me luz.

Mesmo que seja singela, apenas para que eu possa enxergar a estrada à minha frente.

A luz da lua me abre o caminho e a lamparina me alumeia.

Não, Céus... não estou sozinho. Comigo, trago irmãos.

Tenho conhecimento do sombrio que me rodeia e tento afastá-los com os cânticos que saem firmes da minha boca.

Esperneio, me debato, pulo o mais alto que posso, me tiro ao chão e tento ser engolido pela terra.

Algo me livre desse agoneio, que arranque de vez da minha alma essa tormenta. Agoto minhas energias e um som me enche os ouvidos.

Tua presença me consome.

Abro os olhos.



Lamira
artes cênicas

QUANDO DORMES





Quando Dormes

Edilez Brito

A apresentação "Quando dorme", traz uma abordagem sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea, em especial à profissional mulher, artista e mãe. No palco, a dança e a mudez caminham de mãos dadas. Um olhar distante e perdido no horizonte se mistura com o borbulhar das águas.

A arte continua com seus movimentos cadenciados. Uma mensagem. O corpo fala, mas não falha, apenas denuncia. Em seguida, um olhar, um breve olhar e passos para trás. Os olhos se fixam sobre um brinquedo infantil junto a sons guturais de um bebê, um bebê que não reclama, não chora. Nada pede.

Um varal com roupas infantis estendidas em meio a sujeira. A jornada prossegue - dobrada, multiplicada, quando deveria ser dividida. A dança continua. Não há como parar. O muro branco pichado e o brinquedo no chão com suas marcas indelévelis.

A vida que tanto exige, cobra mudanças. Enquanto isso, a realidade: trabalho no trabalho e trabalho no lar. Persiste o ciclo com o papel de conciliar e se desdobrar. Ser profissional sem perder o cuidado, o afeto, o ser mãe.

Após uma caminhada extenuante que se finda, mas não se acaba, testemunhada pelo pôr do sol, os sorrisos recíprocos e os braços abertos de uma criança correndo para um abraço e aconchego da mãe.

★ QUANDO DORMES





Quando Dormes

Lucelita Maria Alves

"Ora apressados, seguros, cientes do caminhar em gretas envelhecidas, entre muros ou na terra pisada do cerrado, os pés vão, vão, vão... No percurso, a cisão, a multiplicação, um brotinho, uma folhinha dançante que se desgarra, a vida! Um minúsculo corpo em coreografia, que dita tons, luzes, odes, cronologia.

O espetáculo "Quando dormes" é um convite à visita e, no meu caso, revisitação da primeira experiência maternal. Tocou-me no ponto obscuro do medo e da insegurança quando carreguei uma pequena vida dentro de mim. Trouxe-me as lembranças do prazer de se perder no pequeno sorriso, que me era dado, cotidianamente, em fiapos sublimes. O enredo nada exige, mas evoca um gigante trabalho de direção, de produção, de planejamento, de ensaios amiúde, de corpo que se doa para as dores e alegrias. Exige a recepção da plateia, o figurino e passos ensaiados, porém espontâneos, ora lentos ora bruscos, fragmentados nas incertezas, nos medos e na plenitude da maternidade".

O que eu mais gostaria mesmo era saber que tantas outras pessoas viram a obra, pelo seu tom urgente e imperdível, e por ser necessária! Para além de uma experiência teatral, "Quando dormes" dialoga com o ciclo da maternidade, enquanto desejo, imposição, expectativa, com todas as nuances que a emolduram. É um convite para, na borda, nos despirmos das construções prontas, da "romantização exacerbada" e mergulharmos na doce e difícil experiência de ser mãe.

★ QUANDO DORMES





Quando Dormes

Mar de A. Campos

Água-viva que se move dentro de um corpo.

“Não perca a cabeça! Peça luz” Calma!! Estou aprendendo!

Te toco, te sinto, te escuto, te vejo crescer e me vejo recrescer junto.

Somos amor e arte.





LUNA DE MIEL



Luna de Miel

Roseli Bodnar

Dois amantes:
um João Bobo sacerdotal
uma evocação milenar do amar.

Um anel circular:
tradição da união
que seja infinita, enquanto dure.

Dois dançantes:
uma guerra de amor
no eterno jogo de gato e de rato.

Jogo de (a)casa(la)mento:
Eu te quero!
Você me quer?!

Um brinde:
aos jogos de sedução
e à concretização do amar
na *Luna de Miel!*

★ LUNA DE MIEL





Poema para
o espetáculo
Luna de Miel

Leo Lamim

Lua de mel
um começo
a tempestade
mexe e remexe
no fundo do mar

Mergulha profundamente
essa incerteza
no oceano
e deixa a vida de casados
mudar, e mudar, e ser o que for

★ LUNA DE MIEL





Luna de Miel

Mar de A. Campos

Lamira
artes cênicas

A palhaçaria é sempre assim, né?! Um toque caótico!

Um pega pra lá, um vira pra cá. De repente chama um, pega dois, leva três!!!

A magia de poder incluir o espectador no imaginário dos palhaços.

A euforia de poder tocar nos elementos que lhe são apresentados.

E o prazer de poder acompanhar uma história tão bonita, engraçada e atrapalhada como a dessa Luna de Miel.

★ LUNA DE MIEL



★ LUNA DE MIEL

Épico e banal

Henrique Rochelle

Lamira
artes cênicas

Dois palhaços se casam e saem em lua de mel, misturando o banal da viagem de casal com o épico dos percalços dessa jornada.

Primeira obra da Lamira dirigida por um convidado, "Luna de Miel" foi construída durante a pandemia, para uma dupla de palhaços-bailarinos. Em cena, o trabalho propõe uma jornada ao mesmo tempo épica e banal. Naquilo que ela tem de comum, nós podemos nos espelhar com facilidade: um casamento, uma viagem, e seus percalços. É amor de todo dia, complicado pelos muitos níveis de uma história pensada pra entreter.

A mistura das artes da Lamira aqui repete o trabalho com a palhaçaria, que foi foco do infantil "Gibi" (2013). Porém, em cena, ainda que a obra possa ser (e é) bem aproveitada por crianças, o foco são os adultos. Pensada para a rua, para a praça, para a intervenção cênica, "Luna" reafirma o lugar dos palhaços como comentadores da realidade, e usa da inocência de seu ponto de vista pra discutir desejo, ciúme e romance, numa costura que é inteiramente comédia física, e recheada de momentos de dança.

A dança não é o foco desse espetáculo, ainda que abra espaço pra mostrar um tanto da qualidade técnica dos intérpretes — os diretores da companhia, e que estão tentando um processo de deixar a cena para cuidar de outros aspectos de suas obras, mas ainda encontrando uma grande dificuldade com isso. Enquanto esse momento não chega, no entanto, eles aprofundam uma intimidade que já é estabelecida com Palmas e com seu povo. Reconhecidos como referências da produção local, integrados também a grupos com necessidades específicas, como a comunidade surda, eles são queridos e abordados pelas pessoas, que sabem quem é a Lamira, e sabem o que esperar de suas obras, ainda que elas sejam tão distintas entre si.

Em "Luna", a palhaçaria ajuda a destacar algo que faz parte da missão da companhia, e de seu modo de compreender a dança profissional, tão próximo das experiências da carreira dos diretores (que passaram por grupos como o 1º Ato, a Quasar, e o Corpo): sua dança é entrega. É serviço, na melhor concepção possível do termo. Despidos de uma vaidade artista, eles vêm seu lugar como o do entregar dança ao público. E, numa cidade tão jovem, e de tão poucas estruturas artísticas, esse tipo de articulação é fundamental.

★ LUNA DE MIEL

Épico e banal
Henrique Rochelle

No meio da praça do domingo, na Feira do Bosque, "Luna" é importante para os fãs da Lamira, mas, sobretudo, para o povo que só estava por lá aproveitando a tarde, e correu pra chegar mais perto quando ouviu a música. Com sua leveza, é uma porta de entrada deliciosa e convidativa para o mundo da dança: insiste no gosto, no prazer, na diversão que é possível ter com um espetáculo. E, nesse caso, também no humor. Em risadas fartas, o público se entrega à proposta, que mistura de forma muito inteligente, a familiaridade de algumas gags de palhaços já reconhecidas do público, com um pensamento artístico e estético, materializado em música, luz e cenografia.

O cenário, que se transforma o tempo todo, garante a percepção do espetáculo. Há o espaço da imaginação da plateia, mas, sobretudo, existe concretude naquilo que eles apresentam. Sem depender de uma viagem mental pessoal, "Luna" fica ainda mais leve, e deixa vermos nos palhaços em cena a nossa própria sombra.

É, de forma geral, a função da palhaçaria feita de forma séria. Não é uma questão de riso fácil, mas de usar o humor para a construção e a articulação do pensamento, da realidade, do mundo. O riso que o palhaço consegue ter de si mesmo abre espaço para tratarmos a nossa vida com um pouco de humor e leveza. É se reconhecer na cena, ver no exagero o espaço pra encontrar seus vícios, mas também suas virtudes. E perceber que o ridículo é parte fundamental da vida, diminui sua carga e alivia sua angústia.

Conhecendo os intérpretes, adiciona-se à obra uma camada extra do entendimento e da valorização, tanto do palhaço (que não é só uma construção de riso, mas um desdobramento psicológico do intérprete, de sublimação da personalidade), como também desse casal: a doçura da história de "Luna" é a doçura desses dois, e ela nos chega potente porque eles são bons intérpretes, mas não precisam fingir o encanto do encontro e do estar junto.

Entender essa obra especificamente como uma obra pandêmica, produzida na garagem de casa, com o diretor assistindo pelo computador, e o mundo enfrentando o que parecia ser o fim também faz sorrir. As catástrofes da epopeia dos palhaços recém casados e suas desventuras se aproximam muito daquele aparente fim do mundo. Mas a força da união e da proximidade deles também são aquilo que nos fez seguir, e chegar ao agora.

Poder compartilhar dessa jornada na praça, entre a música e as pessoas vivendo, reforça a mensagem contínua do humor, de que a vida é ridícula, sim, sobretudo em seus desafios, mas também leve e gostosa, sobretudo em seu riso e proximidade, como se fosse uma lua de mel.



A JORNADA DE KOKORO



Lamira
artes cênicas



Poema para
o espetáculo
A Jornada
de Kokoro

Leo Lamim

Abra meu peito
pegue o coração
e siga seu caminho.



★ A JORNADA DE KOKORO





A Jornada de Kokoro

Mar de A. Campos

Realmente uma jornada.

Atravessar um mundo cheio de mistérios. Quem irá guiar esse ser tão pequeno?

Já era protegido antes mesmo de cair no mundo.

Já era amado antes de ser moldado.

E as criaturas já estavam preparadas e a espera de sua chegada.

Um afeto intenso emana dos que o rodeiam e dos que o protegem.

Boa sorte, Kokoro.



★ A JORNADA DE KOKORO





A Jornada de Kokoro

Roseli Bodnar

A *viagem de Kokoro* é um espetáculo contemporâneo do Grupo tocantinense Lamira. Em resumo, a narrativa apresenta “um boneco cujo coração, aflito e em desespero, precisa ser removido por seus manipuladores para iniciar uma jornada de cura e sabedoria. Este coração, doente por uma vida sem propósito, parte em busca de respostas e sentido para a existência” (Lamira, 2024).

Segundo o grupo, “Kokoro, que em japonês significa *coração*, não é usado no sentido literal do órgão, mas como uma metáfora para o sentimento e a essência interior. Em *A viagem de Kokoro*, o coração é protagonista de uma travessia repleta de descobertas” (Lamira, 2024).

O espetáculo apresenta a fusão de diferentes linguagens artísticas, une dança, teatro, elementos visuais e sonoros, de modo a impactar o espectador em cada cena, criando uma experiência artística multissensorial, com percepção de diferentes tempos e espaços.

A narrativa é complexa e simbólica, com cenas intimistas e à meia-luz, tendo múltiplas camadas significativas. Na fluidez do mundo contemporâneo, Bauman (2007) argumenta que, nos tempos líquidos, enfrentamos as incertezas e a ausência de bases sólidas, o que nos deixa em desassossego e diante da necessidade constante de (re)invenção. Essa é a *viagem de Kokoro*, ou seja, “a travessia do ser humano em busca de si mesmo”, destacando a fragilidade humana diante do desconhecido, o acolhimento e a solidariedade que recebemos do outro (dos outros) na nossa jornada individual.

A *viagem de Kokoro* é uma obra que provoca a reflexão do público, nos fazendo pensar visceralmente sobre nossas escolhas e nossas próprias jornadas interiores.

★ A JORNADA DE KOKORO



**1º Seminário de
Mediação Cênica
e Escrita Crítica**



LamiraArtesCenicas

WWW.LAMIRA.COM.BR

SEMINÁRIO

Lamira
artes cênicas